

Desaceleração do agronegócio

» SACHA CALMON
Advogado



Para Rafael Walendoff, que dá ótimas informações para o Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio, que envolve toda a cadeia antes e depois da porteira, a estimativa da Confederação Nacional da Agricultura (CNA) é de crescimento de 9,4% em 2021 — número alto, ante a elevação de 24,3% em 2020 influenciado pelo peso do aumento de custos de produção de insumos e serviços. Em 2022, a previsão é de avanço de 3% a 5%, em meio às incertezas no cenário econômico. As exportações deverão se manter aquecidas, com a China como principal destino. Aqui, Bolsonaro só atrapalhou.

“Não foi o ano que esperávamos, mas foi razoável”, disse o presidente da CNA, João Martins. A frustração foi motivada pelo clima, que limitou a colheita de grãos. Ele também lamentou as críticas aos produtores por causa dos preços dos alimentos e manteve o otimismo de que o país alcançará uma produção de grãos da ordem de 300 milhões de toneladas em até três anos. A previsão para esse ciclo (2021/22) é atingir 284 milhões de toneladas. “O povo tem que saber que não existe processo especulativo por parte do produtor rural, que ele não determina o preço”, afirmou.

O diretor técnico da entidade, Bruno Lucchi, acredita que o último trimestre deste ano já deverá apresentar números mais satisfatórios para o campo. O clima deve favorecer, apesar das preocupações no Rio Grande do Sul e no oeste do Paraná com os efeitos já sentidos da terceira safra consecutiva de La Niña. A principal preocupação para 2022 são os custos de produção, que devem ser os maiores da história, puxados pelos aumentos nos preços dos insumos, como fertilizantes, defensivos, combustíveis e até do crédito rural, que ficará mais caro com a elevação dos juros. Para culturas como soja, milho e café, o incremento tende a ultrapassar 60%. Com isso, a margem de lucro será achatada, mas não a ponto de tirar a rentabilidade dos produtores.

“Certamente, teremos redução de margem” disse Lucchi. Cada produtor terá que traçar estratégias para aproveitar as janelas para a compra de insumos e a venda da produção com rentabilidade, de olho no câmbio no clima. O desafio será maior no plantio da segunda safra nos próximos meses, uma vez que os produtores ainda não compraram todos os insumos. Muitos devem rever as análises de solo para calibrar a adubação, mas não há possibilidade de falta de fertilizantes ou defensivos no campo.

Sem solução de curto prazo, a entidade defende incentivos à indústria de fertilizantes para expandir a produção doméstica. No caso dos

defensivos, a aposta é em um projeto de lei para permitir a importação direta de agrotóxicos de países de Mercosul, onde estão mais baratos. As exportações do agronegócio brasileiro renderam US\$ 110,7 bilhões de janeiro a novembro de 2021, um crescimento de 18,4% em relação ao ano passado. O avanço foi puxado pelo câmbio favorável e por preços elevados, uma vez que o volume das vendas registrou diminuição de 6,5%.

Considerada uma jogada comercial pelo presidente da CNA, João Martins, nem a suspensão das exportações de carne bovina brasileira para a China, que já dura mais de três meses, impediu o novo recorde da balança do setor. “Não foi problema sanitário. Ao contrário, eles sabem disso. O que houve foi uma jogada de mercado (...) A China esperava que o preço do boi fosse cair e prorrogou o embargo”, afirmou.

O impasse comercial é considerado “normal” pela diretora de Relações Internacionais da CNA, Lígia Dutra. A lição a ser tirada do episódio, segundo ela, é a necessidade de aproximação maior com os clientes. “A China ainda é uma grande desconhecida”, afirmou. “Temos uma presença desproporcional no país, pelo tanto que a gente vende. Temos

que ser mais presentes”, emendou.

Sem as compras chinesas, o Brasil ampliou as exportações de carne de gado para outros destinos, como Estados Unidos e Chile. A diversificação de produtos e destinos ainda é uma meta perseguida pela CNA para ampliar a fatia de 1% que o país detém do comércio mundial. O foco é o mercado asiático e a construção de acordos bilaterais. “Não é falta de demanda, é falta de oferta, de ter a pauta mais diversificada”, completou Lígia.

Ano positivo em 2022, acredita a CNA. Mas será preciso acompanhar o desenrolar da pandemia e os possíveis reflexos no transporte marítimo, os gargalos logísticos, a menor oferta global de insumos e o protecionismo crescente — ligado principalmente a temas ambientais, que estarão cada vez mais presentes na pauta do comércio internacional na Europa.

“Muitos países estão colocando normas unilaterais, mas não se engajam em discussões multilaterais sérias, como na Organização Mundial do Comércio (OMC), em questões que impactam a sustentabilidade”, criticou Lígia Dutra. Uma dessas discussões envolve a redução dos subsídios agrícolas distorcivos.

Está difícil

» MARISTELA BERNARDO
Jornalista e socióloga

Mal chegou e 2022 anuncia que não será fácil. O rebote da pandemia não é o único problema. A questão central está na incapacidade de encarmos a vida pessoal, o país e o mundo fora dos parâmetros que nos guiavam há tão pouco tempo — meros dois anos e pouco — e pareciam sólidos. No início da pandemia, muitos profetizavam que nada seria como antes. Outros antiprofetizavam: vai mudar nada, ficará tudo na mesma. Referiam-se à dinâmica básica do mundo. Quem pode se livrar das piores consequências e ainda vai lucrar com isso; quem nada pode e sempre perde continuará perdendo e pagará a grande conta do desespero, das mortes e do empobrecimento.

De certa forma, ambos tinham razão. O último relatório da Oxfam sobre a desigualdade no mundo mostra que as 10 pessoas mais ricas dobraram a fortuna coletiva desde março de 2020. Entre eles nomes conhecidos como Bezos (Amazon), Musk (Tesla), Gates (Microsoft), Zuckerberg (Facebook), família Arnault (LVMH, maior empresa de artigos de luxo do mundo). Juntos cresceram de R\$ 3,8 trilhões para R\$ 8,3 trilhões. Na outra ponta, a renda dos mais pobres despencou e 160 milhões de pessoas foram empurradas para a pobreza.

E na população mundial, 99% estão, de alguma forma, em pior situação devido ao impacto da pandemia nas atividades econômicas de todo porte. Milhares de mortes não estão vinculadas diretamente à covid, mas à penúria, à destruição de condições de vida, ao desamparo frente à doença. Basta ver a situação da África. No final de 2021, apenas 7% dos africanos tinham a vacinação completa, por inúmeras

razões, a começar da prioridade absoluta dada aos países ricos na distribuição de vacinas e da inexistência de sistema eficiente de vacinação (viva o SUS!) combinada com entrega de doses próximas do vencimento etc.

Impossível saber quantos morreram na África sem sequer constarem das estatísticas. Um retrato lamentável e realista da humanidade e das várias camadas em que ela se organiza, fazendo com que a vida individual seja valorizada conforme regras muito desiguais, injustas, a partir de critérios econômicos e geopolíticos. É isso e ponto. Não exijam mais desta civilização embrutecida, movida a dinheiro, deslumbramento, carente de compaixão e empatia, farta em crueldade e ignorância. O mundo pós-pandemia, a nossa vida pós-pandemia tem que ser encarados com maior complexidade do que apenas vencer o vírus. De certa forma, o coronavírus é nosso menor problema. O pesadelo é o mundo em que ele surgiu, com sua precariedade humana, seus valores assustadores, sua lógica mortal.

Todos os países, instituições e pessoas tiveram que encarar o derretimento de seus espaços históricos de resolução de problemas. O caos virou rotina. O trauma banalizou-se. Abrir e fechar as portas de casa, da mobilidade, do contato social virou habilidade importante. Os protocolos do cotidiano sofreram grande mudança estrutural, não em seus conteúdos, mas na metodologia, na tecnologia, na capacidade de trocas rápidas, não programadas. Af, sim, nada está sendo como antes. Por meio da disseminação de informações, sabemos que a estabilidade das sociedades humanas pode ser severamente abalada por

um simples vírus, e isso será cada vez mais frequente e letal, pois persistem os desastros ambientais, as desigualdades e as assimetrias de todo tipo, barreiras para a solidariedade radical que uma situação limítrofe exige.

As ciências sociais e políticas devem estar tendo muito trabalho para desatar o nó do presente, para entender, com as ferramentas tradicionais de pesquisa e análise, as conexões que se refazem e multiplicam como praga no campo. Ou como vírus... Para clarear o caminho, impõe-se inovar, questionar certezas acadêmicas e individuais. Como voltar a fazer planos? Quem ousaria planejar até mesmo as próximas férias? A estratégia é estar alerta para qualquer surpresa e isso exige requalificar disposições e desejos, estabelecer mediações diferentes para navegar na tormenta. O principal instrumento nessa travessia será, sem dúvida, parar de achar que se pode “cuidar da própria vida”.

Ou enxergamos todos ou não há saída. Isso começa pela redescoberta do conhecimento. Saber garimpar, testar e comprovar informações, de modo a poder escolher, decidir, juntar as pontas. Vale para fazer a lista de supermercado ou para a escolha de um presidente da República. Há a esperança de um cidadão pós-pandemia, que dê à existência um sentido além de consumir, que se junte às correntes que apregoam mudanças civilizatórias humanistas e agregadoras. Ou seja, precisamos recuperar a potência de pensar livremente e agir segundo a consciência e a ética. É uma tarefa fantástica, o pensar. Pode mudar muito, pode mudar tudo. Apesar das dores e dificuldades, seja bem-vindo, 2022. Há muito o que fazer.

A tropa em retirada

» ANTONIO CARLOS WILL LUDWIG
Professor aposentado da Academia da Força Aérea, pós-doutorado em educação pela USP e autor de Democracia e ensino militar (Cortez) e A reforma do ensino médio e a formação para a cidadania (Pontes)

Desde há muito tempo, os militares brasileiros têm exibido um comportamento político notório, e o ponto de partida pode ser localizado no instante da proclamação da República. Desde essa data até meados do século anterior, agiram na forma de um poder moderador. Durante as décadas de 1960 a 1980, assumiram autoritariamente a direção do país. A partir de então, deixaram de lado essas formas de atuação e passaram a se comportar em função das regras do jogo democrático. É bem provável que tal mudança se deva às diversas e relevantes ocorrências que se seguiram e devem ter contribuído para alterar suas concepções em relação à política e à democracia. No período atual, é possível vislumbrar a ocorrência de uma conduta política por parte deles composta de três momentos.

O primeiro, que pode ser denominado de euforia, começou com a candidatura do atual presidente da República. Deixando de lado seu passado, a maioria dos fardados, liderada pelo partido verde-oliva, resolveu escolher o capitão da reserva como candidato preferido. Ele passou a representar o alcance democrático dos militares ao poder, a possibilidade da realização de um governo eficiente e de agrado popular, a oportunidade de se desvencilharem de um passado contestado pelos civis, a chance de evitar uma indesejável vitória de Lula. Após o triunfo, milhares foram convidados e aceitaram ocupar cargos na administração pública, sendo que muitos para lá se dirigiram motivados pelo preceito castrense relativo ao cumprimento de missão.

Quando ao segundo, possível de ser alcunhado de desencanto, iniciou-se no instante em que o primeiro mandatário deu partida à intenção de cooptar os aquartelados ao seu projeto populista de governo por meio do convite à ocupação de cargos, reestruturação da carreira, verba extra ao Ministério da Defesa. Envolveu também as constantes visitas a quartéis, a declaração de apoio ao exercício do poder moderador, o uso da expressão “meu Exército”, as aparições frente ao Quartel General, o desfile de tanques em Brasília, as menções ao período ditatorial e a troca dos comandantes das três Forças. Em decorrência, começou a se formar na mente dos fardados a percepção de que o empenho do chefe da nação em estreitar os liames não se explicava apenas pelo fato de ele ser um militar inativo e um defensor dos interesses da corporação. E, apesar dessas ações, os militares, de modo geral, demonstraram respeito à democracia em várias ocasiões o qual foi devidamente referendado no Sete de Setembro do ano passado.

Em relação ao terceiro, que emergiu nos primórdios deste ano, é aceitável chamá-lo de afastamento, pois indica a abertura e o avanço de um processo de apartação da caserna em relação ao atual presidente. Alguns fatos são reveladores e um deles diz respeito à aceitação pelo general Fernando Azevedo do convite para ocupar o cargo de diretor-geral do Tribunal Superior Eleitoral. Sua presença nesse local tem a ver com o receio de seus ministros quanto às possíveis reações do primeiro mandatário ao andamento das eleições e aos resultados das urnas. No entanto, representa também uma barreira simbólica a favor da democracia por parte dos militares.

Além disso, manifestaram-se outras ocorrências. O Exército emitiu um documento determinando que os exercícios planejados para este ano sejam encerrados até o mês de setembro tendo em vista deixar a tropa livre para possível emprego no período mais próximo das eleições, em atendimento à Justiça Eleitoral, caso venha a acontecer movimentos conturbadores ou até um ato parecido com a invasão do Capitólio. Estabeleceu normas contrárias ao negacionismo presidencial relativas à pandemia. Posicionou-se contra a divulgação de fake news que são apreciadas pelos bolsonaristas. Houve, também, o pronunciamento do almirante Barra Torres, cobrando o recuo ou a retratação do primeiro mandatário sobre sua declaração a respeito da vacina em crianças.

Alguns analistas políticos ensaiaram propor que tais ocorrências têm o significado de uma inclinação para o lado de Lula. Tal suposição leva em conta seu favoritismo eleitoral e o não desejo de revanche, provavelmente imaginário, por parte dele. Considere também os fatos de que, em seu governo, predominou um bom relacionamento entre os dois lados e concretizou-se um reequipamento das Forças Armadas. Acrescente-se que Lula já procurou estabelecer um canal de comunicação com a caserna e essa tentativa mostra a inexistência de barreiras impeditivas, nem mesmo a do tuíte do general Villas-Bôas.

Embora esse modo de pensar possa ser sustentado, faz-se necessário juntar outra argumentação mais pertinente. Pela natureza da profissão, os militares valorizam o pensamento e o conhecimento científico, o qual não se coaduna com o negacionismo presidencial. São seguidores do pragmatismo e do consequencialismo, os quais se mostram incongruentes com os péssimos resultados da hodierna administração pública. Devem ter percebido que a ocupação de cargos estatais bem como a proximidade com o primeiro mandatário promoveu arranhões na imagem das Forças Armadas e diminuiu o prestígio delas perante a sociedade. Possivelmente, notaram que, durante esses anos, a população passou a desconfiar das intenções políticas de seus integrantes.

Portanto, é válido inferir que tais ocorrências indicam que os militares aparentam estar pesarosos e que almejam manter uma postura de equidistância, segundo as diretrizes protocolares, neste resto de mandato bem como nos anos vindouros, independentemente de quem ganhar a eleição. Parece também que pretendem se cingir ao cumprimento das obrigações profissionais estabelecidas na Constituição e perseverar na submissão às normas do regime democrático.